

Do autor de *Voz ao verbo*

ALLAN DIAS CASTRO

O colecionador de saudades

*Histórias e poemas para
celebrar o presente*



SEXTANTE

*A gente não perde
quem vive na gente*

Para os que vieram antes.
Para Serena.

O outro lado da saudade

Ressignificá-la para atravessá-la

SER UM PAI PRESENTE SEM TER A PRESENÇA DO MEU. Esse foi o desafio que me trouxe uma nova forma de enxergar a sensação de falta: “Feliz de quem sente saudade.” Sim, felicidade e saudade convivendo na mesma frase, no mesmo peito, na mesma vida.

Esse ponto de vista nasceu da sensação de alívio que tive ao revisitar histórias, amores e amizades e entender que, enquanto a falta vem de querer viver o que perdemos, a saudade vem de termos vivido.

É exatamente esse entendimento que dividirei nas páginas a seguir por meio de frases, textos e poemas que me fizeram atravessar o sentimento de perda e servirão de base para lembrar, todas as vezes que forem necessárias, que a vida não dura para sempre: é durante.

A saudade nasce enquanto vivemos o durante. Foi vivendo o durante que aprendi a dizer “eu te amo” em vida àqueles que me trazem a sensação de acolhimento por estar na segurança do meu cais. Foi vivendo o durante que mergulhei na dor da perda. Foi vivendo o durante que retomei meu leme e a atravessei. É vivendo o durante que consigo enxergar o horizonte e falar em continuidade. Assim, será colecionando “durantes” que seguirei até chegar a minha vez de deixar saudades.

No caminho que trilharemos, contarei como passei (e estou passando) por cada fase do meu processo de fortalecimento pessoal durante o luto, conduzido pela sinceridade de quem encontra na escrita a sua maneira de sobreviver à morte de pessoas queridas. “A dor da perda não perde a força, é a gente que se fortalece.”

E hoje existe também o Allan pai – alguém extremamente grato pela vida. Um homem que nasceu junto com a escrita deste livro e que abre o peito como quem divide com seus leitores não só suas descobertas, mas também seu álbum de saudades pessoais. Sim, ainda estou me familiarizando com ele. Acho que não existe versão mais verdadeira de mim mesmo do que a que fui durante a fase de extremos que vivi: perder meu pai e, três meses depois, receber minha filha em meus braços. Essa verdade me revisita a cada capítulo. É uma experiência temporária mas transformadora. De repente, diante da grandeza de uma vida – seja se despedindo ou chegando –, um filtro tomou conta da minha antiga percepção, reformulando drasticamente o conceito de “relevante” nas escolhas que me tornaram quem eu sou e quem quero ser.

Hoje, com minha filha Serena no colo e cercado pelas pessoas que amo, eu retomo o fôlego, resgato um sorriso e nem penso em parar: por quem se foi, por mim mesmo, por quem ficar.

Desejo que *O colecionador de saudades* seja justamente um respiro aos que estão fazendo sua própria travessia, entendendo, a seu tempo, que superar uma perda não significa esquecer quem partiu e se permitindo, a cada poema, não desistir da felicidade.

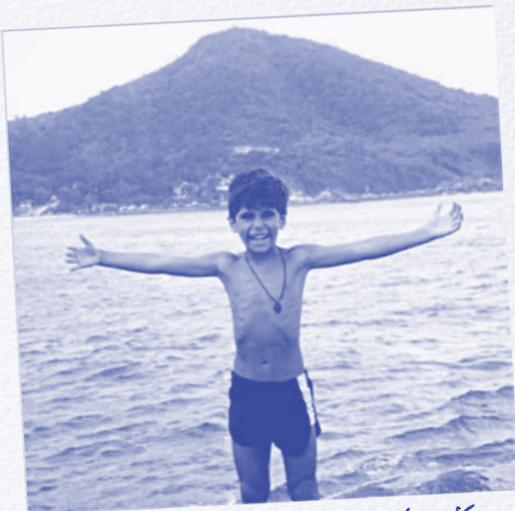
Por oferecer o que também preciso, cada leitor que

aceitar essa imersão e chegar ao outro lado, seja de uma fase, uma dor ou um desafio, me levará junto, a cada leitura, até a outra margem de mim mesmo.

De peito e braços abertos, deixo aqui o meu convite: vamos atravessar a saudade juntos?

*Para quem tem um coração
Repleto de boas lembranças,
Saudade não é falta:
É companhia.*

Bem-vindos!



*Eu com 7 anos em Camboriú,
Santa Catarina.*

O colecionador de saudades

Feliz de quem sente saudade,
Porque é sinal de que um dia
Dividiu a felicidade que sentiu.
Feliz também de quem deixa saudade,
Pois, se daqui não se leva nem a metade,
Só o que foi nosso de verdade
É o que ficou no outro quando a gente partiu.

Será que viver é colecionar saudades até deixar?

Às vezes me pego rindo sozinho,
Lembrando da família, dos primos
E de quanto nós já rimos.
De tantos natais, de outros carnavais...
E quando fecho os olhos para rever tudo
que já senti,
Eu sinto saudade dos amigos de sempre,
Que nunca mais vi.

Será que viver é colecionar saudades
até deixar?

Só sei que não deixo mais o momento passar.
Cada chance que tenho de lembrar,
eu aproveito,
Porque ocultar o sentimento de vazio
É fazer a dor ecoar no peito.

O amor está presente nas histórias que marcaram.
Já reparou que só conhecemos algumas pessoas
Através da saudade que deixaram?
O tempo passou, elas ficaram.

Dias atrás senti falta da minha mãe,
 liguei pra ela,
Que disse sentir saudades do meu pai,
E eu sei que ele sentia falta da mãe dele,
Que só conheci através da saudade
 que ela deixou.
Minha vó estava presente nas histórias
 que ouvi desde criança.

Assim a vida perdura.
O tempo que afasta é o mesmo que cura.
Trouxe a partida, mas faz da espera esperança
Quando traz de volta um sorriso em forma
 de lembrança.

Por isso eu parei de brigar com a saudade.
Quando ela bate, não revido.
Eu a recebo com um abraço e me sinto abraçado
Por tanto sentimento recebido.
Para não viver de passado,
Eu vivo com quem está do lado
O que vou gostar de lembrar.

Assim eu sigo colecionando saudades
Até deixar.

**Saudade das
histórias que
marcaram**

O tempo
leva o
passado,
mas não
o que
passamos.

A gente não perde quem vive na gente

ENTRE A MORTE E A VIDA. SE EU TIVESSE QUE RESUMIR a fase inicial da minha quarentena, seria assim – entre a morte e a vida. Para explicar esse sentimento, preciso voltar um pouco no tempo, lá para 13 de outubro de 2019, quando eu e minha esposa Ana renascemos. Nesse dia, pela manhã, ela simplesmente desmaiou e bateu a cabeça no chão. Foi um estrondo e um susto grande.

Ainda que ela tenha parecido se recuperar rapidamente, resolvemos ir para o hospital, por precaução. Chegamos lá um pouco assustados. Saímos completamente felizes. Sim, felizes. Com os exames na mão, a médica anunciou o motivo do desmaio: “A Ana está grávida.”

Saímos do hospital na maior alegria, coração explodindo, e eu nem pensei duas vezes: peguei o telefone e a primeira pessoa que soube da notícia foi meu pai. Fizemos uma ligação de vídeo, choramos juntos e ele falou que não estava surpreso, nem com a gravidez e muito menos com minha reação.

Sendo muito sincero, se eu tivesse recebido essa notícia uma semana antes, talvez não pudesse ligar chorando de felicidade. Provavelmente teria sido de pavor. Eu explico. Somente sete dias antes dessa ligação, eu e meu pai estávamos no meio de uma viagem de carro que fizemos de Porto Alegre até o Rio de Janeiro. Era algo que queríamos muito

fazer e já vínhamos planejando há quase uma década. Por alguma razão mais forte que qualquer tradicional desculpa, finalmente aconteceu em 2019. O que eu ouvi do meu pai nessa viagem, sem a menor dúvida, fez com que algo morresse em mim. Provavelmente o medo.

O fato é que eu estava apavorado com a ideia de ser pai. E a verdade é que passei mais da metade do caminho falando que não me sentia pronto e que estava com uma dúvida imensa em relação à decisão que eu e Ana havíamos tomado de ter um filho. Meu argumento era que a minha vida profissional finalmente estava me trazendo as recompensas e o reconhecimento depois de muitos anos de caminhada. Eu sou poeta, escritor e compositor, e estava numa produção cada vez mais intensa. Tinha acabado de lançar o livro de poemas *Voz ao verbo*, que foi muito bem recebido, e, junto aos meus vídeos de poesia falada, estava fazendo meus textos chegarem a cada vez mais e mais pessoas. Meu pai sempre foi o maior apoiador dessa trajetória, por isso lhe perguntei: será que era a hora de interromper essa fase para ter um filho?

Foi nesse momento que meu pai me fez ver a vida de outra forma, finalmente tirando de cena aquele Allan cheio de dúvidas em relação a si próprio, que estava precisando de uma desculpa, ou um álibi, para continuar sendo o mesmo. Meu pai disse: “Quem falou em interromper? Muda completamente teu ponto de vista a respeito da chegada dessa criança, Allan. Ela vem pra coroar esse teu bom momento. Pode ter certeza que, com essa criança no colo, o sentimento vai ser de que nada mais te segura. Confia em mim, essa criança já está vindo. Deixa ela vir, meu filho. Se permita mudar de fase, deixa ela vir. E quando vier, quando não souber o que fazer, apenas esteja presente, porque a presença tem muita força.”

Ali, ainda sem ter a menor ideia de que minha mulher já estava grávida, eu aceitei e me tornei pai antes mesmo de receber a notícia lá no dia 13 de outubro. Foi por essa mudança de percepção provocada pelo meu pai que ele foi o primeiro a saber da gravidez e do nome que eu e Ana escolhemos assim que soubemos que seria uma menina: Serena. Lembro de ele ter gostado muito porque sua busca pessoal sempre foi por serenidade.

A grande ironia disso tudo é que meu pai não chegou a conhecer a minha filha. O salto na história agora é de exatos seis meses após o dia em que liguei para avisá-lo que ele seria avô. No dia 13 de abril de 2020, meu pai faleceu. O cara que tinha me apoiado a vida inteira e que me fez aceitar a paternidade antes mesmo de a minha filha nascer não teve a chance de estar na presença da neta. E, por outro lado, o que me machuca muito é que a Serena também não teve a chance de ter o meu pai presente.

Foi tudo muito rápido. Ele ficou cerca de um mês hospitalizado, e aquelas notícias e imagens que eu recebia dele internado eram extremamente contrastantes com a cena da minha esposa, com uma barriga enorme, literalmente transbordando vitalidade.

Nesse limbo em que eu estava, entre a morte e a vida, eu não conseguia nem queria engolir os conselhos que ouvi, de que minha filha traria a alegria de volta, ocupando o vazio deixado pelo meu pai. Isso não tinha coerência para mim.

A verdade é que, nessa fase, eu estava tão confuso que até a escrita havia perdido a razão. Eu não conseguia botar nem uma linha no papel. Meu trabalho, que é também minha paixão pessoal, tinha perdido completamente o sentido com a partida do meu pai. Além disso, fiquei semanas tomado

por um medo enorme de ser surpreendido pela morte novamente. Tudo me assustava: a saúde da minha mãe, das minhas irmãs, da minha filha sendo gestada e da Ana também, é claro, principalmente em relação ao parto. E o parto, meus amigos, se não tivesse sido filmado, nem eu acreditaria. Vou tentar resumi-lo em palavras para vocês.

Eu não queria mais correr o risco de perder ninguém, embora saiba que tentar controlar a morte é uma ilusão. Foi por tentar evitá-la ao máximo que eu e a Ana nos organizamos e deixamos tudo certo para uma doula e uma enfermeira nos acompanharem de casa até a maternidade, tudo perfeitamente esquematizado para que nossa filha chegasse na segurança dos nossos planos.

A previsão de nascimento da Serena era 23 de junho de 2020. No dia 14, lá pelas 10 da noite, a bolsa da Ana estourou e a madrugada foi intensa. As contrações foram se tornando cada vez mais e mais fortes. Ana ia da sala para o quarto, do quarto para o chuveiro, e ficava horas lá. Literalmente. As esparsas conversas davam lugar ao choro seguido por gritos guturais, que, nos dias seguintes, soubemos que haviam acordado a vizinhança inteira. Nós já não ouvíamos mais nada. A doula estava acompanhando a situação havia algum tempo, e, lá pelas 5 da manhã, a enfermeira chegou. Na minha cabeça, era só esperar a hora certa de irmos todos para o hospital e seguir nosso plano à risca. Mas, assim como a morte, a vida não segue roteiros.

Quando finalmente a enfermeira nos disse que havia chegado o momento de irmos para o hospital, eu peguei as malas – arrumadas há meses – e as levei para fora de casa. Enquanto isso, minha sogra, que estava presente e havia sido uma grande parceira o tempo todo, ajudava a Ana a

se vestir. Ana, por sua vez, chegou até o meio da sala e decretou aos berros: “Vai nascer aqui mesmo!” A enfermeira ainda tentou insistir que conseguiríamos chegar ao hospital. Fomos até o corredor que levava à saída do apartamento, mas só deu tempo de abrir a porta e dispensar um ou dois vizinhos que apareceram para oferecer apoio. Quando virei para ajudar minha esposa a sair de casa, a cena que vi jamais vai sair da minha cabeça.

Sim, eu, que havia meses estava com medo de ser visitado novamente pela morte, dessa vez fui surpreendido pela vida. A Ana estava deitada no chão, amparada pela doula, e eu, perdido, andando de um lado pro outro, ainda mandei uma mensagem para a médica falando assim: “Doutora, a coisa está acontecendo aqui! Vai nascer.” E a médica: “Calma, aqui onde??” E eu: “Em casa!”

A resposta dela, se fosse em uma outra situação, teria me feito rir. Quando eu disse “em casa”, ela exclamou: “Jesus!” Aí eu pensei: *Ok, uma força divina é sempre bem-vinda.* Mas percebi que teria que abraçar o parto junto com elas. Foi nesse momento que minha sogra teve a sagacidade de começar a registrar tudo com o celular.

A enfermeira finalmente entendeu que a bebê nasceria ali mesmo e botou as luvas. Tirei uma força e uma coragem de algum lugar até então desconhecido, me ajoelhei, peguei a mão da Ana, que havia sido incrivelmente forte e corajosa em todo o processo, e, como quem escuta um recado certo, só consegui transmitir o que havia ouvido do meu pai meses antes: “Confia em mim, ela já está vindo.” E repetia: “Força, meu amor! Deixa ela vir, deixa ela vir. Vem, minha filha! Isso, força, meu amor, falta pouco. Essa criança vai coroar nosso bom momento. Deixa ela vir!”

E ela veio! Só me lembro de, segundos antes, a enfermeira perguntar: “Vai receber?!” E eu: “Quê?!” Ela repetiu: “Vai receber?” E eu respondi: “Vou!” Assim que minha filha saiu, eu berrei “Nasceu!!” e a recebi em meus braços. Em seguida, entreguei a Serena para a Ana, que a agarrou como quem literalmente entende que tem uma existência inteira nas mãos. Esse foi o momento em que renascemos nessa vida que nasceu. Mas, sim. Em seguida, finalmente, fomos todos para o hospital. Serena foi de carro para a maternidade e, lá, tudo transcorreu bem.

Meu desafio a partir daí era outro: ser um pai presente sem ter a presença do meu.

Com isso na cabeça, lembro que um dia desses eu estava chorando de saudade do meu velho, sozinho na sala, e a Ana chegou com a Serena. Eu senti vergonha no começo, tentei esconder que estava triste (pensei: *Caso ela me veja chorando, que moral vou ter para fazê-la parar de chorar depois?*), mas a Ana falou: “Deixa a gente te fazer companhia.” Eu entendi que a identificação da minha filha seria ainda maior futuramente se ela percebesse, desde cedo, que tem um ser humano ao seu lado. A presença delas me fez voltar a sorrir.

No outro dia era a Serena que estava chorando muito. Eu simplesmente cheguei e não falei “vai passar”, nem perguntei “o que foi?”. Eu só a peguei no colo e sussurrei: “O pai está aqui.” Nem o passado do “o que foi?”, nem o futuro do “vai passar”. Eu estava presente. Eu senti o que meu pai tinha falado na viagem, e esse sentimento de presença não morre. Com minha filha no colo, tenho a mesma sensação de ouvir constantemente meu pai dizendo: “Quem falou em interromper?” Com a chegada da Serena, percebi que ela realmente nunca vai ocupar o vazio que meu pai deixou. Claro

que não. Porque ter um filho não se trata de substituição, mas de continuidade. Hoje, eu me sinto mais inspirado do que nunca, e a motivação para escrever é tão grande que nem se quisesse parar eu conseguiria. O amor que eu sinto simplesmente transborda e vira texto. É só aceitar e deixar vir.

Essa história não poderia se encerrar com um ponto final. Eu sinto que, mesmo depois do fim, o meu pai é um avô presente. Por isso, trago um verso do poema “Eu te amo em vida”, que estará completo na página a seguir, que diz assim:

Se você não deixar o sentimento para trás,
As pessoas que você ama jamais vão te deixar.
É um ciclo, siga em frente,
A gente não perde quem vive na gente.



Eu e meu pai, em 1999.



Eu e minha filha Serena, 2021.

CONHEÇA OS LIVROS DE ALLAN DIAS CASTRO

Voz ao verbo

A monja e o poeta (*com a monja Coen*)

O colecionador de saudades

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

